

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Panamá

Data: 29/10/74 Pg.: 1.º caderno



Os caiabis construíram as malocas com carinho e agora esperam a chegada dos kreen-akarores

Malocas espaçosas e afeto dos índios caiabis esperam no Xingu os kreen-akarores

Edilson Martins e José Carlos Brasil
Enviados especiais

Aldeia Kreen-Akarore, Xingu — Com malocas espaçosas e bem feitas, além de uma roça próspera de milho, mandioca, amendoim e um sítio com pés de manga, mamão, abacaxi, abacate e outras frutas, já se encontra inteiramente pronta a aldeia no Parque Nacional do Xingu onde se fixarão os índios kreen-akarore, construída pelos seus irmãos caiabis.

Procedentes do rio Peixoto de Azevedo e ameaçados de desaparecimento em consequência da passagem da Estrada Cuiabá—Santarém, devido ao contato indiscriminado com as frentes pioneiras, os kreen-akarore serão transferidos para o Parque do Xingu por decisão da Funai e passarão a conviver com 15 diferentes tribos dessa região.

Margem esquerda

É a segunda vez que Prepori, grande capitão e pajé caiabi, adota atitude tão hospitaleira. Da primeira vez, os caiabis receberam os temíveis txucarramães. "Não importa que antes tenhamos brigado muito", explica Prepori. "O perigo agora é caraíba (civilizado) e índio não pode ficar desunido. A nação caiabi fica feliz de ter sido escolhida para ajudar o irmão kreen-akarore".

A nova aldeia fica na margem esquerda do rio Xingu, na faixa Norte do parque. Nas cabeceiras do Xingu, formado pelos rios Kuluene, Ronuro e Batovi, encontra-se o grupo xinguaano, caracterizado pelo uso do uluri — cinto de castidade. No outro extremo, vivem os caiabis, jurunas, suiás e txucarramães — os

dois últimos do tronco linguístico Jê.

No parque, a distancia que separa as nações do grupo uluri das do médio Xingu é grande. De barco a motor, veloz, o percurso não é feito em menos de dois dias. Não há estrada e é preciso percorrer uns 150 km de rio. O percurso a pé exige uns 20 dias, abrindo-se picada na selva. A flora é exuberante nessa zona de transição, ainda na pré-floresta amazônica, onde também a fauna permanece intacta. Como os índios da cabeceira do Xingu não comem carne, as antas, capivaras, jacarés e veados nessa área são mansos. E aí sobrevivem animais já extirminados em outras regiões do país.

Escravidão e liberdade

Prepori e seus caiabis viviam antes no rio Teles Pires, em território paraense. Até hoje parte dessa tribo permanece nas margens e vales desse rio, mas o contato indiscriminado com seringueiros, gateiros, seringalistas, aventureiros terminou por mutilar profundamente a nação Caiabi no Teles Pires.

Segundo denúncia de sertanistas, esses índios vivem hoje no Sul do Pará, em regime de semi-escravidão. Trabalham para os brancos e já não cultivam mais qualquer tradição. Forçados por uma integração muitas vezes criminosa, já abriram mão de seus valores essenciais.

No final da década de 1960, Prepori concordou, após conhecer os irmãos Vilas-Boas, em trazer seu povo para o interior do Parque Nacional do Xingu. Foi uma tarefa difícil, quase impossível, pois ele teve de enfrentar espingarda, ameaça de morte de frentes pioneiras que temiam perder uma mão-de-obra quase gratuita, para não dizer escrava.

Os caiabis que vieram para o Parque tornaram-se mais numerosos e, mesmo com o nível de aculturação da área, são agora cordiais e trabalhadores. Seus irmãos que ficaram no Teles Pires descharacterizaram-se, ficaram alcoólatras e em muitos casos viram as mulheres serem prostituídas.

Hoje, os caiabis do parque — como Mauraé, que já exerce certa liderança na tribo — manifestam interesse em receber com carinho outras tribos ameaçadas de extinção. "É importante que preservemos o parque e para isso ele tem de ser ocupado somente por nós", diz.

Durante um mês — ou mais, se for preciso — Prepori e seu povo continuarão junto aos kreen-akarores na nova aldeia. Ensinarão os caminhos de caça, mostrarão as lagoas piscosas e os trechos do rio onde há mais peixes. Depois, os caiabis se retirarão. O longo convívio com habitantes da região lhes ensinou a prática da lavoura e hoje eles são essencialmente agricultores.

Contatados há dois anos pelos irmãos Vilas Boas, os kreen-akarores estão agora sob a responsabilidade do sertanista italiano Fiorello Parise. A atração desses índios durou quase dois anos e Cláudio Vilas Boas, que a chefou, contou com a ajuda de caiabis, jurunas, txucarramães e suiás.

Os Vilas Boas foram afastados dessa tarefa posteriormente, em virtude de divergências com o então presidente da Funai, General Bandeira de Melo. Dois ou três sertanistas se sucederam no contato, começando então a mutilação dos kreen-akarores.